



Ramon Pereira dos Reis
Kirla Korina Anderson Ferreira

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 8 - Interseccionalidade nas práticas de ensino de sociologia

Construindo trajetórias no IFPA: produzindo caminhos possíveis entre o ensino
de sociologia e os marcadores de gênero e raça



Belém, Pará
2023

CONSTRUINDO TRAJETÓRIAS NO IFPA: PRODUZINDO CAMINHOS POSSÍVEIS ENTRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA E OS MARCADORES DE GÊNERO E RAÇA

Ramon Reis ¹
Kirla Anderson ²

RESUMO

Como a teoria feminista produzida por pensadoras negras nos ajuda a trabalhar em sala de aula questões que envolvem a desigualdade social? Com base nessa pergunta temos encontrado caminhos possíveis para desenvolver o ensino de sociologia na educação básica, técnica e tecnológica (EBTT), nas dependências do IFPA (Campus Belém), em relação às temáticas de gênero e raça. A nossa proposta tem como objetivo geral compreender, a partir de observações em sala de aula e da análise de atividades avaliativas (relatos de experiência, desenhos, linha da vida e cartilhas), como são construídos os sentidos de pertencimento de alunas/os dentro e fora da instituição, e de que forma tais sujeitos tem refletido sobre os marcadores sociais de gênero e raça em suas vivências. Com efeito, tal proposta nos ajuda a refletir sobre o “lugar” da sociologia na EBTT no sentido de apontar caminhos para uma educação do amanhã engajada, afetuosa e territorializada, baseada na valorização da diversidade e diferença de gênero e racial, constituindo vínculos fortes entre professoras/es e alunas/os e gerando, por conseguinte, um processo de confiança coletiva.

Palavras-chave: Educação Básica, Técnica e Tecnológica, Ensino de Sociologia, Teoria Feminista, Gênero, Raça.

INTRODUÇÃO

Como a teoria feminista produzida por pensadoras negras nos ajuda a trabalharmos em sala de aula questões que envolvem a desigualdade social? Como podemos estimular o pensamento reflexivo-crítico de alunas/os para lidarem com situações que dizem respeito à produção de hierarquias e violências de gênero e raciais dentro e fora do ambiente escolar? De que forma as nossas atuações profissionais podem construir redes de engajamento coletivo

¹ Professor Doutor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA, Campus Belém), homem gay cis, não branco, natural da Amazônia Atlântica (Salinópolis-PA), residente e domiciliado na cidade de Belém (PA), E-mail institucional: ramon.reis@ifpa.edu.br;

² Professora Doutora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA, Campus Belém), mulher heterossexual, negra, residente e domiciliada na cidade de Belém (PA), E-mail institucional: kirla.anderson@ifpa.edu.br;



8^o ENESEB

entre as turmas para que juntas/os tenhamos, como diz bell hooks (2013, p. 25): “coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção”?

São as perguntas acima que orientam o trabalho em tela, pois todas, de algum modo, nos tiram das nossas zonas de conforto no sentido de apontarem caminhos para a construção de práticas educacionais emancipatórias a partir da relação entre o ensino de sociologia na educação básica, técnica e tecnológica (EBTT) e a teoria feminista. Além disso, todos os questionamentos levantados nos ajudam a imaginar mundos possíveis para a criação de “comunidades de aprendizado” (hooks, 2013, p. 19), isto é, espaços de formação pensados para escutar e acolher, entendendo a escuta e o acolhimento como elementos essenciais para a continuidade e permanência da/o aluna/o na escola, constituindo uma prática que nos auxilia a tornar real o compromisso, como cidadã e cidadão, de estarmos em sociedade não apenas na condição de objeto, mas também como sujeito pensante.

A nossa proposta tem como objetivo geral compreender, a partir de observações em sala de aula e da análise de atividades avaliativas - relatos de experiência, desenhos, linha da vida e cartilhas sobre direitos humanos, todas feitas por alunas/os -, como são construídos os sentidos de pertencimento delas/deles dentro e fora da instituição, e de que forma tais sujeitos têm refletido sobre os marcadores sociais de gênero e raça em suas vivências. Com efeito, tal proposta nos ajuda a refletir sobre o “lugar” da sociologia e da teoria feminista desenvolvida por pensadoras negras na EBTT no intuito de apontar caminhos efetivos na construção de uma educação engajada, afetuosa e territorializada.

Com base na perspectiva apresentada, resultado de observações em sala de aula e de análises de atividades avaliativas produzidas por alunas/os dos cursos de ensino médio técnico integrado em agrimensura, estradas, edificações e design, nas disciplinas sociologia 1 e sociologia 3, ministradas pela Profa Dra. Kirla Anderson e pelo Prof Dr. Ramon Reis, respectivamente, vislumbramos a possibilidade de conectar teoria e prática a partir do diálogo entre as ciências humanas, como a sociologia, a filosofia e a história, e as ciências tecnológicas, com vistas a criarmos espaços interdisciplinares de reflexão e proposição na instituição.



É importante ressaltar que tanto as observações quanto as análises de atividades apesar de serem compensatórias, já que tiveram como objetivo a obtenção de uma nota, partiram de um pressuposto inicial cuja abordagem teve como fio condutor as experiências de cada aluna/o, isso é uma forma de subverter lógicas canônicas de produção de conhecimento, constituindo alunas/os como sujeitos produtores de conhecimento, que interferem direta e positivamente na forma como conduzimos os nossos trabalhos dentro de um universo vasto de temas acionados pelas turmas, por exemplo: o combate ao preconceito no ambiente escolar; violência doméstica e familiar contra as mulheres; as queimadas e o aumento do desmatamento na Amazônia; a valorização da identidade e da cultura afro-brasileira; internet e adoecimento mental; saberes indígenas e ancestralidade; a representatividade LGBTQIA+ na política; pessoas com deficiência e acessibilidade; juventude e identidade; e, socialização e diversidade.

Consideramos as premissas do feminismo negro, no que se refere à interseccionalidade como uma ferramenta teórica e metodológica para o entendimento e desenvolvimento de problematizações a respeito da relação entre identidade e poder no sistema mundo capitalista, racista e cisheteropatriarcal (PIEIDADE, 2018; RIBEIRO, 2018 e 2019, AKOTIRENE, 2019). Como tal, a categoria interseccionalidade pode ser considerada como uma ferramenta de combate à ideia universal de mulher e, conseqüentemente, às diversas possibilidades de se estar no mundo, para além do sistema binário de classificação hegemônico do patriarcado.

Desse modo, as atividades que propusemos em sala de aula buscaram problematizar e desnaturalizar a realidade próxima às/aos alunas/os, utilizando-nos sempre que possível de situações sociais levantadas por elas/eles. Assim, nas turmas de sociologia 1, referente ao conteúdo do primeiro ano do ensino médio, o processo de socialização e as instituições sociais são a temática de referência das atividades utilizadas em sala de aula e que serão tratadas aqui, a saber: a) **linha da vida**, em que pontuaram os acontecimentos e pessoas que consideram importantes em suas trajetórias de vida e que marcam e/ou marcaram a forma como se identificam e pensam as suas vidas; e b) **produção de desenhos** sobre os lugares que costumam ficar pelo campus, quando não estão em horário de aula. Estas duas tarefas foram realizadas nos meses de maio e junho de 2022, em duas turmas do ensino médio técnico integrado, com o objetivo de discutir criticamente sobre a relação entre indivíduo e sociedade no processo de socialização.





Nas turmas de sociologia 3, cuja matriz curricular está relacionada ao conteúdo do terceiro ano do ensino médio, os debates envolvendo as transformações de mentalidades, identidades e sujeitos garantiram a construção de espaços de ensino e aprendizagem voltados para a compreensão de temas contemporâneos relacionados, sobretudo, aos direitos humanos. Importante ressaltar que o conjunto de atividades feitas em sala de aula tiveram como resultado final da disciplina a produção de **cartilhas temáticas** envolvendo uma série de temas relacionados à cidadania, diversidade e diferença. Como se tratou, nesse caso, de um período letivo especial, isso aconteceu no período de 02 a 13 de janeiro de 2023.

Com efeito, todo esse processo nos oportunizou refletir sobre como temos formado as/os estudantes e quais os caminhos que a instituição tem apresentado para a comunidade acadêmica no que se refere ao desenvolvimento pleno da autonomia e da consciência crítica de professoras/es e alunas/os.

Por fim, mas não menos importante, as nossas análises encontram eco seja na importância de reconhecermos que tais intersecções temáticas, conceituais e disciplinares constituem a experiência humana, seja no compromisso da sociologia e das ciências humanas com outras áreas de conhecimento no que se refere à desnaturalização de desigualdades e combate aos preconceitos. A esse respeito, vale ressaltar que em 2023 a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) completará 75 anos desde a sua promulgação, em 10 de dezembro de 1948, desde então estados e sociedade civil têm sido convocados a se posicionar sobre tais demandas.

Isso evidencia a importância e necessidade, em tempos de “desinstitucionalização” (PEREIRA; ZAIDAN; GALVÃO, 2022, p. 17), descrédito e moralização do conhecimento científico, especialmente da área de humanas, de estabelecermos horizontes imaginativos e críticos que promovam questionamentos internos e externos apontando caminhos possíveis para uma prática educacional emancipatória.

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO IFPA: LOCALIZANDO OS MARCADORES SOCIAIS DE GÊNERO E RAÇA NAS VIVÊNCIAS ESTUDANTIS

Quando falamos em práticas educativas emancipatórias no contexto do ensino de sociologia e a EBTT, nosso trabalho em sala de aula e no ambiente escolar de modo geral nos mostra que a escuta e o acolhimento são ações que devem fazer parte do trabalho





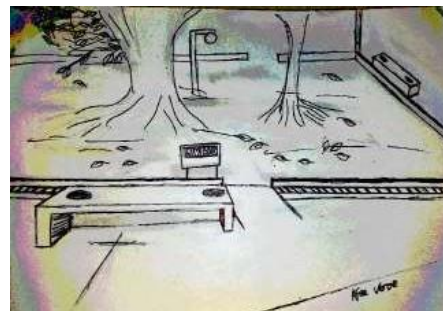
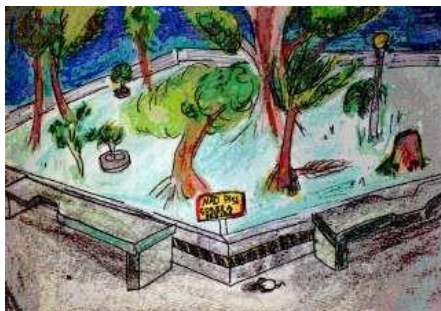
docente. Isso implica na construção da escola em um espaço de acolhimento e de pertencimento.

Piedade (2018) destaca que o feminismo negro é um feminismo dialógico, que se faz pela escuta. Podemos dizer que nossa prática metodológica de ensino se pautou na construção de um ambiente de escuta, em que as/os alunas/os pudessem se reconhecer como produtoras/es do processo de ensino e aprendizagem.

Em se tratando especificamente do Campus Belém do IFPA, nossas/os estudantes desenvolvem suas atividades diárias em consonância com disciplinas ligadas ao curso técnico e também às disciplinas do ensino médio, no contexto dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. Significa dizer que os alunos possuem a demanda equivalente a 16 disciplinas cursadas concomitantemente ao longo do ano letivo, o que pode demandar mais de um turno, a depender da grade curricular de cada curso técnico.

A título de exemplo, foi neste contexto que a Profa. Dra. Kirla Anderson passou como tarefa nas turmas de primeiro ano (Sociologia 1) que desenhassem os espaços de convivência que elas/eles costumavam utilizar quando não estavam em aula e que não fosse a sala de aula. Nos lugares desenhados, elas/es sempre estão em grupo, sendo a maioria em áreas abertas: área verde do campus, escada do bloco E, refeitório, área livre do bloco N, como podemos ver a seguir:

Imagens 1 e 2: Área verde do Campus Belém



Cabe dizer ainda que elas/es passam boa parte do tempo no campus, seja para fazer trabalho, para estudar, estagiar e cumprir carga horária no contra turno. As/os alunas/os



8^o ENASEB



apontaram as frustrações que sentiram quando ingressaram no instituto, e que mesmo que elas/es tivessem vivenciado momentos bons com as/os amigas/os e com o curso em si, sentiam-se muitas vezes desrespeitadas/os e que as cobranças exacerbadas da instituição as/os deixavam irritadas/os. Algumas alunas/os citaram que em algumas vezes não tinham condições de pagar as mensalidades, não foram avaliadas/os.

No que se refere aos significados sobre socialização e estar com o outro, utilizamos uma atividade chamada linha da vida, em que as/os alunas/os tiveram que pontuar cronologicamente os principais acontecimentos que marcaram suas trajetórias de vida, bem como as pessoas que consideram mais importantes neste processo, que contribuíram e/ou contribuem na formação da sua identidade.

Entre os assuntos que mais foram citados nas linhas da vida, podemos destacar cinco categorias principais: família, educação, namoro/amizade, expectativas sobre o futuro e/ou frustrações. As/os alunas/os falaram dos relacionamentos com a mãe e o pai, das expectativas para estudar no IF e como era a vida escolar na escola anterior, de quando começaram a namorar ou do interesse “para ficar” com alguém, que são assuntos que fazem parte da vivência da/o jovem de um modo geral, mas que requerem uma atenção mais especial para a forma como cada uma/um delas/es lida individualmente com esses assuntos.

A ideia que elas/es construíram sobre si mesmo chama atenção. Quando começamos a ler o que foi escrito por elas/es, percebemos o quanto elas/es enfatizavam a palavra amadurecimento, como uma ideia que estaria ligada à possibilidade de acertos e erros, assim como de conseguir dar conta de várias atribuições ao mesmo tempo (lembremos das 16 disciplinas cursadas), por estarem na juventude. Para elas/es, o amadurecimento é um processo, em que a família e as/os amigas/os, namoradas/namorados, ficantes, *crushes* têm um papel importante.

Devemos destacar também as expectativas que sentiram com relação ao ingresso no IFPA como um marco importante na sua vida, que estão ligadas à possibilidade de construir novas amizades, de ascensão social e de novas experiências. Muitas/os relataram a alegria da família por terem conseguido passar no processo seletivo e das expectativas que as/os familiares criaram sobre elas/es, principalmente em relação aos marcadores de gênero e raça.



8^o ENESEB

Refletindo mais detidamente no quanto a palavra gênero é uma categoria enunciativa para pensar raça e vice-versa, é possível perceber que tais categorias grafam nesse processo de formação um horizonte material de ação que percorre a trajetória dessas e desses estudantes desde a Sociologia 1 até a 3, oportunizando a construção de um pensamento crítico sobre a realidade que as/os cerca. Se na Sociologia 1 os processos de socialização são eixos importantes para a compreensão do papel das instituições sociais no reconhecimento de identidades e identificações, é no cruzamento desses pontos com os temas abordados na Sociologia 3 que percebemos uma demanda maior de alunas/os interessadas/os em temas considerados “polêmicos”, como a violência contra a mulher e o racismo.

Quando pensamos na produção de cartilhas temáticas sobre direitos humanos, notamos o que move cada aluna/o seja para a construção de parcerias na sala de aula, seja pela possibilidade de mobilização coletiva a partir de questões que as/os afetam diretamente. Vejamos, por exemplo, uma das cartilhas temáticas sobre o tema violência doméstica e familiar contra as mulheres:



8^o ENASEB

Imagens 3 e 4: Cartilha temática sobre violência doméstica e familiar



Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Pará -
Campus Belém

DISCENTES:
ANA BEATRIZ RAMOS DE ANDRADE
LÍVIA GABRIELLE SANTARÉM RAIOL
LUÍSA HELENA PONTES DE SOUSA
CRUZ
LUIZELA MOREIRA MIRANDA
JAMILLY VITÓRIA DE AVELAR
LOBATO


INSTITUTO
FEDERAL
Pará

JUNTOS, PODEMOS COLOCAR UM FIM NO ABUSO.

**LUTE CONTRA
A VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA E
FAMILIAR**

*Ajude a pôr um fim no silêncio. Se você vir algo, denuncie.
Ligue 180*





8º ENESB

Em relação a produção dessa cartilha, todas as integrantes da equipe são mulheres, sendo duas delas negras. Ressaltamos com isso não apenas os seus protagonismos, mas a

O que é a Violência doméstica ?

A violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos, porque a coloca em situação de desigualdade em relação a quem está praticando a agressão. Muitas pessoas não têm consciência de que a violência doméstica e familiar consiste em qualquer ação ou omissão ao gênero feminino que lhe cause morte, lesão, dano físico, sexual, psicológico e morais ou patrimoniais. Essa realidade atinge muitas mulheres de diferentes realidades, que podem não ter condições de enfrentá-la, são movidas pelo medo ou até mesmo não tem ciência de que estão sendo violentadas, porém, é preciso ser denunciada e confrontada, e por consequência dando incentivo e conscientização a cada vez mais vítimas denunciarem.

Ciclo da Violência Contra a Mulher

Após o início das violências, se inicia o círculo da violência contra a mulher

Tipos de Violência

Física conduta que ofenda integridade ou saúde corporal	Psicológica conduta que cause dano emocional	Moral comentários ofensivos, humilhação pública
Patrimonial retenção, subtração ou destruição de objetos	Sexual atos que constremem ou sejam sem o consentimento	

COMO DENUNCIAR ?

Como denunciar ou procurar ajuda

Para denunciar agressões:
180 ou 190

Para Paz Mulher:
Belém: Travessa Mauriti, 2393, bairro do Marco. Funciona das 8h às 14h.
Ananindeua: TV Ité 31, nº 1112. Cidade Nova. Funciona das 8h às 16h.
(www.propaz.pa.gov.br)

Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam) do seu município
Em Belém a Deam atende nos números:
(91) 3246-6803 e 98915-1888

Espaço Virtual de Acolhimento (EVA/ Defensoria Pública do Estado): para mulheres em situação de violência
www2.defensoria.pa.def.br

Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero
Nugen/DPE: 99172-6296

*Com informações dos sites TE-PA, DPE e ParaPaz

Alguns Dados:

- Em 2019, foram registrados 1,3 milhão de ligações ao 180, sendo 6,5% denúncias de violações contra a mulher;
- Nos primeiros quatro meses de 2020, ano de pandemia, houve um aumento de 14,1% de ligações;
- Cerca de 1206 mulheres foram vítimas de feminicídio em 2018. Destas, 88,8% foram vítimas de companheiros ou ex-companheiros;
- É mais comum em mulheres negras, compondo 61% das vítimas.

possibilidade de se colocarem como sujeitos do conhecimento. Isso por si só demonstra o processo de conscientização crítica destas alunas, assim como cria um sentimento de pertencimento e acolhimento à medida que elas se sentem parte disso. Além disso, em relação ao ensino de sociologia, a possibilidade de professoras/es falarem a respeito torna essa educação um momento efetivo de conexão entre teoria e prática, facilitando o aprendizado e criando uma responsabilidade mútua entre professoras/es e alunas/os.

Tais atravessamentos relacionados ao gênero e à raça estão relacionados ao que Akotirene (2019) aponta como uma prática ocidental eurocêntrica de classificar o outro. Na concepção de mundo do feminismo negro, cabe considerar todos os sentidos e marcações sociais. Portanto, quando nos propomos a discutir categorias sociológicas a partir da realidade das/os alunas/os, elas/es trazem suas questões para a sala de aula (de pertencimento, de convívio com os outros e de entender a si mesmo), que acabam exigindo do ambiente



escolar o uso de todos os sentidos também, em especial o de se estabelecer um lugar de diálogo afetivo.

LUGAR DE FALA COMO PRÁTICA DE EMPODERAMENTO

Pensar o campus como espaço de convivência entre os jovens, que escolheram estar ali (seja a partir do processo de seleção para matrícula, seja pela convivência para além dos horários de aula), “estudar no IF”, como dizem, é uma experiência que tem conotação simbólica que chama atenção em seu processo de socialização. Entendemos a socialização como um processo de interação social, que começa na infância e dura toda a vida do indivíduo, que tem a criança e o jovem como sujeitos, longe de ser via de mão única, como pensavam os autores clássicos da sociologia (SETTON, 2005; MOLLO-BOUVIER, 2005; MONTANDON, 2005; SARMENTO, 2005; BELLONI, 2007).

No contexto do processo de socialização, as instituições sociais como escola e família ainda têm um lugar de destaque nos significados sociais sobre gênero/sexualidade, raça e classe, assim como as redes sociais. Assim, pois é algo desejado por eles e/ou pela família, que pode o preparar para a vida profissional e/ou para o ingresso no ensino superior, e também o lugar em que eles passam aproximadamente o dia inteiro durante o curso.

Pelo que vem sendo dito até aqui, cabe a reflexão sobre a instituição escolar como um espaço de escuta e pertencimento. Quando Ribeiro (2019) trata do lugar de fala, no contexto do feminismo negro, a autora parte do contexto histórico em que muitas vozes foram silenciadas, entre eles as mulheres negras. Lugar de fala significa considerar o lugar social que pessoas e grupos sociais ocupam e lhes permitem uma diversidade de experiências e perspectivas.

Segundo Ribeiro (2019), o falar está relacionado ao poder existir e questionar as universalidades existentes. Pensar o ambiente escolar é considerar conteúdos, estratégias de ensino e atividades extracurriculares, por exemplo, que oportunizem aos jovens se identificarem com a escola e problematizar o lugar social que se encontram, para falar criticamente a partir dele.



8^o ANESES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre um ensino de sociologia que busca reler suas práticas cotidianas é o que tem nos movido nesse caminhar, que é, como vimos, atravessado por questões que envolvem diretamente as categorias de gênero e raça. A esse respeito, evidenciamos como algumas pensadoras feministas negras constituem modos de ser/estar no mundo pautados no engajamento e no afeto mútuos, aspectos presentes no cotidiano do IFPA, o nosso lócus de pesquisa.

A relação apresentada entre a sociologia, o pensamento feminista negro e o IFPA trouxeram à tona uma realidade repleta de desafios, desde os de ordem mais prática e/ou técnica que dizem respeito às exigências curriculares de cada disciplina até aqueles que impactam diretamente as vivências de cada aluna/o, como o fato de dizer o que sente quando há algum espaço para falar sobre gênero e raça ou então em momentos onde o texto estudado não é suficiente para explicar a complexidade coletiva que está presente, por exemplo, nos momentos de lazer dentro e fora da instituição.

Nesse sentido, os nossos resultados mostraram que ao aprendermos constantemente com elas/eles sobre gênero e raça de forma interseccional, nos dispomos a compreender, como sociólogas/os, quem são os sujeitos, o que nos aproxima e nos distancia, como o silêncio e a verbalização sobre tais temáticas são produzidas, de que forma a violência de gênero e racial é agenciada, quais espaços institucionais geram mais segurança e sentimento de pertencimento etc. Todos esses eixos nos levam, em maior ou menor nível, para a seguinte conclusão: o ensino de sociologia ofertado pelo IFPA, quando baseado na valorização da diversidade e diferença de gênero e racial, cria vínculos fortes entre professoras/es e alunas/os gerando, por conseguinte, um processo de confiança coletiva.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. **Coleção Feminismos Plurais**.

BELLONI, Maria Luiza. **Infância, mídias e educação**: revisitando o conceito de socialização. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 57-82, Jan./Jun. 2007.



HOOCH, B. **Ensinar a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. **Transformações dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica**. EDUCAÇÃO & SOCIEDADE, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago. 2005.

MONTANDON, Cléopâtre. **As práticas educativas parentais e a experiência das crianças**. EDUCAÇÃO & SOCIEDADE, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 485-507, Maio/Ago. 2005.

PEREIRA, A. R. V. V.; ZAIDAN, J. C. S. M.; GALVÃO, A. C. **A invenção da balbúrdia: dossiê sobre as intervenções de Bolsonaro nas Instituições Federais de Ensino Superior**. Brasília, DF: **Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior**, 2022.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Coleção **Feminismos Plurais**.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. EDUCAÇÃO & SOCIEDADE, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361- 378, Maio/Ago. 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. TEMPO SOCIAL, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, vol. 17, n. 2, Novembro 2005.

